

CULTURA E INTERCULTURALIDADE NA SALA DE AULA DE LE: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA

CULTURE AND INTERCULTURALITY IN THE FOREIGN LANGUAGE CLASSROOM: A THEORETICAL INTRODUCTION

CULTURA E INTERCULTURALIDAD EN EL AULA DE LE: UNA INTRODUCCIÓN TEÓRICA

*Danilo Neves PEREIRA**

Resumo: O presente artigo resulta de um breve levantamento bibliográfico, cujo objetivo é explicar os principais conceitos relacionados ao termo cultura que podem auxiliar o professor de línguas a entender os processos interculturais que ocorrem durante o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Utilizando alguns dos principais autores da linguística aplicada e da antropologia que discutiram sobre o tema, esse artigo traz algumas definições da palavra cultura, além de outros termos relevantes para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como o conceito de *linguaculture*¹, fluxos culturais e competência intercultural. Este artigo, em síntese, procura, através de uma discussão teórica, atentar para a importância dos estudos interculturais para a sala de aula de línguas.

Palavras-chave: Cultura; *Linguaculture*; Interculturalidade; Ensino de línguas.

Abstract: This paper is the result of a brief theoretical study whose main goal is to present the main concepts related to the term "culture" that can help language teachers understand the intercultural processes that take place during the teaching and learning of a foreign language. Using some of the most important writers in applied linguistics and anthropology that discussed this topic, this article brings some definitions of the word "culture" as well as other relevant terms to the teaching and learning of foreign languages, such as the concept of *linguaculture*, cultural flows and intercultural competence. Briefly, this paper aims at, through a theoretical discussion, drawing attention to the importance of intercultural studies to the language classroom.

Keywords: Culture; *Linguaculture*; Interculturality; Language teaching.

Resumen: El presente artículo resulta de un breve relevamiento bibliográfico, cuyo objetivo es explicar los principales conceptos relacionados al término cultura, los

* Aluno do mestrado em Letras e Linguística e professor do Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás. Contato: makotx@hotmail.com.

¹ Este artigo optou por manter o termo *linguaculture* no original para se manter mais fiel ao termo cunhado por Agar (1994).

cuales pueden auxiliar al profesor de lenguas a entender los procesos interculturales que ocurren durante la enseñanza y el aprendizaje de una lengua extranjera. Para ello, se recurrió a los aportes de algunos de los principales autores de la lingüística aplicada y de la antropología, referidos a este tema, de modo que este artículo comprende algunas definiciones de la palabra cultura, además de otros temas relevantes para la enseñanza/aprendizaje de lenguas extranjeras, tales como los conceptos de *languaculture*, flujos culturales y competencia intercultural. En síntesis, se busca, por medio de una discusión teórica, llamar la atención acerca de la importancia de los estudios interculturales en el aula de lenguas.

Palabras clave: Cultura; *Languaculture*; Interculturalidad; Enseñanza de lenguas.

Introdução

A palavra cultura é, atualmente, muito presente no meio de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (doravante LE) tanto no âmbito da academia, quanto no meio escolar privado e público. Professores e alunos de LE convivem com essa palavra em suas salas de aula frequentemente e, muitas vezes, nem se perguntam o que é a “cultura” que eles estão ensinando ou onde ela está presente nas suas aulas. Para muitos docentes, aprender cultura é conhecer fatos históricos e as festas dos povos que falam a língua-alvo, enquanto que para outros professores “estudar uma nova cultura” significa ler os clássicos da literatura e apreciar os “maiores” ícones artísticos desses povos.

Pelo exposto, cultura realmente parece ser uma palavra difícil de definir quando se há tantas ideias e definições para o termo (SPENCER-OATEY, 2009, p. 13) e tantas práticas diferentes baseadas no que os professores entendem como cultura.

Dito isto e tendo em vista o mundo globalizado dentro do qual uma grande parte dos alunos de línguas estrangeiras está inserida, é preciso que o ensino de línguas estrangeiras possa ir além dessa visão de senso comum que é oferecida e vendida nos cursos de línguas. É necessário que o professor de LE conheça mais do que apenas os feriados dos países da língua-alvo para que sua prática docente possa ser interculturalmente significativa para o seu aprendiz e para que esse aprendiz possa se posicionar, de fato, como um falante intercultural dessa língua. Em outras palavras, é importante que o professor de LE entenda cultura sob os diversos eixos teóricos que estudam essa área

do conhecimento além de entender como as diferentes culturas se encontram nas interações humanas que ocorrem dentro e fora da sala de aula.

Pensando nisso, este artigo trata de um breve levantamento bibliográfico de conceitos importantes para a prática docente de professores de línguas estrangeiras, tais como o conceito de cultura, *languaculture*, competência intercultural, e multiculturalismo crítico.

Primeiramente, este trabalho estabelece relação entre língua e cultura para depois definir a última de acordo com algumas das várias correntes teóricas que já discursaram sobre o tema, utilizando como base os trabalhos de Bauman (2002), Risager (2006), Kramsch (1993 e 1996), e Spencer-Oatey (2009).

Por último, utilizando Corbett (2003), mostra-se algumas implicações dos estudos interculturais para a sala de LE e trata-se da importância da interculturalidade na sala de línguas, além de apontar algumas críticas à abordagem intercultural feita pelos teóricos da lingüística aplicada crítica, como apresentado por Kubota (2010).

Pressupostos teóricos

Relação entre língua e cultura

Pensar em língua é pensar em interação social. Através da interação é que podemos expressar discursos, ideologias e, também, culturas. É também por meio da interação social que a comunicação acontece e que sentidos são construídos.

Kramsch (1998, p.3) começa o primeiro capítulo de seu livro “Language and Culture” explicando a relação entre língua e cultura, como fator importante para entender o ensino de línguas estrangeiras e sua dialogia com as culturas de língua estrangeira. Para Kramsch, língua é “a principal maneira pela qual nós conduzimos nossas vidas sociais” e que por isso, língua e cultura estão intimamente relacionados. De acordo com a autora, língua se relaciona com cultura porque a língua tem o poder de (i) expressar, (ii) englobar, e (iii) simbolizar realidades culturais; é através da língua que os falantes podem se comunicar e construir as suas realidades. Desse modo, aprender uma língua estrangeira é uma atividade intercultural em sua essência já que através da língua-alvo, o aprendiz de línguas

estrangeiras é capaz de expressar, englobar e simbolizar a sua própria realidade cultural e entender as realidades culturais dos outros que utilizam a língua estrangeira. Aprender uma LE é se engajar num diálogo entre a sua própria cultura e a cultura do outro, é adentrar a realidade cultural do outro (KRAMSCH, 1998, p. 3).

Esse processo, apesar de parecer simples, é complexo, pois qualquer aprendiz de LE já possui a sua própria língua e cultura e, ao estudar a cultura do outro, ele se depara com o estranho numa relação onde a sua cultura 1 influencia a sua comunicação tanto quanto a sua língua 1 (VALDES, 1986, p. 1-2). O processo de se expressar e simbolizar suas realidades culturais, que sempre foram expressas na sua língua materna (doravante L1), torna-se complexo e o professor de línguas precisa estar preparado para ajudar seu aluno a adentrar o desconhecido de uma forma saudável. É pensando nisso que este trabalho traz os conceitos decultura, *languaculture* e de competência intercultural.

Definindo cultura

As definições de Bauman

A palavra cultura é comum no vocabulário popular e, por ser comum, cada indivíduo entende cultura de uma forma diferente. Assim também é nas áreas do conhecimento, cada área, por exemplo a Psicologia, a Sociologia, e a Linguística Aplicada, entende o conceito de cultura de acordo com seus teóricos e por isso existem várias definições para o mesmo termo na academia (SPENCER-OATEY, 2009, p. 14).

Como Bauman (2002, p. 95)^{2,3} postula:

A persistente ambiguidade do conceito de cultura é notória. Muito menos notória é a ideia de que essa ambiguidade se deriva tanto da

² Tradução nossa para: “La persistente ambigüedad del concepto de cultura es notoria. Lo es mucho menos la idea de que esta ambigüedad no se deriva tanto de la forma en que la gente define la cultura como de la incompatibilidad existente entre numerosas líneas de pensamiento que han convergido históricamente sobre el mismo término”.

³ Tradução nossa para: “The hierarchical concept of culture is the well-known one in which a culture is something that the individual human being or individual society either ‘has’ or ‘does not have’, or ‘has’ at a higher or lower level.”

forma que as pessoas definem cultura quanto da incompatibilidade existente entre numerosas linhas de pensamento que convergiram historicamente sobre o mesmo conceito.

Este trabalho seleciona algumas definições importantes de cultura que podem ser aplicadas para compreender os processos e as interações interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras, partindo de Bauman (2002), até chegar ao conceito de cultura dos estudos interculturais.

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, (BAUMAN, 2002) existem três dimensões do conceito “cultura”: 1. uma hierárquica; 2. uma diferencial; e 3. uma genérica.

Risager (2006), ao discutir os conceitos de cultura adotados por Bauman (2002, p. 32), explica que “o conceito hierárquico de cultura é o mais bem conhecido, de acordo com o qual cultura é algo que um ser humano individual ou uma sociedade em específico ‘tem’ ou ‘não tem’, ou ‘tem’ em maior ou menor grau”. Este conceito data desde o século XIX quando se acreditava que algumas sociedades eram mais evoluídas do que as outras (RISAGER, 2006, p.40) ou que algumas sociedades eram mais “civilizadas e cultivadas” do que as outras.

No contexto educacional em geral, esse conceito é muito utilizado quando o professor acredita que os seus alunos não têm cultura e que a sua função é a de transferir o seu conhecimento a eles para que estes possam alcançar um nível ideal, menosprezando assim a bagagem e a cultura do discente em detrimento da cultura que o professor considera adequada.

Essa concepção tem sido muito problematizada por ser considerada eurocêntrica e elitista já que, de acordo com o ponto de vista hierárquico de cultura, as sociedades são classificadas como sendo “com cultura” e “sem cultura” tendo como referência a elite do mundo ocidental (STOCKING, 1996, p. 871 apud RISAGER, 2006, p. 41). Como Bauman (2002) argumenta, o problema desse conceito de cultura é que ela assume que “existe uma natureza ideal do ser humano e que cultura significa um esforço prolongado e vigoroso para alcançar esse ideal”.

Prosseguindo com a discussão sobre diferentes termos para conceituar cultura, Bauman (2002, p. 118) introduz o conceito

diferencial. O autor o define como “o conceito que procura diferenciar pessoas e grupos entre si”, em outras palavras, cultura neste conceito se resume a um conjunto de características de um grupo que os torna singular perante os demais. Apesar de valorizar as culturas nacionais, Bauman afirma que o conceito diferencial de cultura foi importante por afirmar a pluralidade dentro do termo “cultura” e por reconhecer a existência de “as culturas” ao invés de “a cultura”, como era acreditado na visão hierárquica (2002, p. 125).

De acordo com essa visão de cultura é possível afirmar a existência de uma cultura que se caracteriza pela sua diferença das outras culturas do mundo em seus “ethos, gênios, padrões, configurações e estilo sociais” (BAUMAN, 2002, p. 133).

Cultura, ao invés de ser um objeto adquirível através do esforço humano, como no modelo hierárquico, passa a ser considerada como um conjunto de características de um povo que acabam por diferenciar os povos uns dos outros. Assim, nesse modelo, uma cultura se configura através da sua diferença perante a outras culturas.

No âmbito acadêmico e escolar, essa visão de cultura é muito presente quando o professor, em especial o de línguas estrangeiras, apresenta em suas aulas os diferentes países que utilizam a língua-alvo explorando os festivais de cada país, as variedades linguísticas de cada país, como se esses eventos fossem características típicas daqueles povos.

O último conceito de Bauman (2002) é o genérico. De acordo com o autor, esse conceito aborda as nuances do termo cultura que as visões hierárquicas e diferenciais deixaram de lado (BAUMAN, p. 148). Nessa visão, cultura é aquilo que toda humanidade compartilha, o que diferencia os seres humanos do resto do reino animal (RISAGER, 2006). Cultura nesse sentido é um termo que equivale a toda construção sócio-histórica humana que nos faz diferente dos outros seres vivos, ou seja, é “a praxis humana, o modo de ser no mundo do ser humano” (BAUMAN, 1999, p. 43, apud RISAGER, 2006, p. 33).

O termo cultura através da história

Risager (2006), ainda no mesmo livro, também traz um breve apanhado histórico de como a palavra cultura tem sido usada no

mundo ocidental. De acordo com Risager (2006), essa palavra tem sido utilizada com três conceitos diferentes que, embora tenham surgido em momentos históricos diferentes, ainda se mantêm. Conforme o autor, são respectivamente: 1. conceito individual de cultura; 2. conceito coletivo de cultura; e 3. conceito estético de cultura.

O conceito individual de cultura vem da ideia de que um indivíduo pode se melhorar através da cultivação da mente. Este conceito, segundo a autora, é conhecido desde a época de Cícero que o utiliza no termo *cultura animi*, e ainda é muito comum quando se houve falar que certa pessoa *tem* cultura. Cultura nesse sentido é o mesmo que uma mente cultivada, educada. Fazendo um paralelo com as visões de cultura de Bauman (2002), é interessante notar que essa visão possua aspectos bem próximos da visão hierárquica de cultura ao entender cultura como um bem adquirível.

O segundo conceito, no sentido coletivo de cultura, precisa ser dividido em duas fases: 1. a hierárquica; e 2. a não hierárquica (RISAGER, 2006, p. 36). A fase hierárquica é a mais antiga e lida com o que as sociedades “cultivadas” têm em comum. Já a fase não hierárquica surgiu quando J. G. von Herder problematizou a concepção de cultura hierárquica do século XVIII e concluiu que “[...] todos povos do mundo participam de um gradual, histórico processo de cultivação e que cada pessoa possui cultura” (RISAGER, 2006, p. 36). A segunda fase desse conceito, em particular, traz importantes implicações para a área da educação, pois reconhece que a cultura do aluno, muitas vezes diferente das culturas consideradas “ideias”, também, merece estudo e reconhecimento.

O último conceito, o estético, muito comum, surgiu no século XIX quando se pressupunha que a cultura estava ligada às “artes” e suas vertentes, como a literatura, a música e as artes visuais. O conceito estético de cultura também está relacionado com a visão hierárquica de Bauman (2002) porque considera como “arte” somente aquilo que vem da elite e que tem um “valor artístico”, apreciado pela mesma elite. Esse conceito foi muito questionado nos anos 1960 com o surgimento dos estudos culturais que deixaram de lado a cultura elitista e focaram seus estudos na cultura de massa destinada à vida cotidiana ao invés da vida acadêmica (CORBETT, 2003, p. 15).

Finalizando os conceitos de cultura, Risager (2006, p. 37) aponta que os conceitos de Bauman (2002) e os conceitos históricos

não se opõem necessariamente. Risager (2006) afirma, ainda, que, por tratarem de aspectos diferentes do termo cultura, todas as definições apresentadas podem se complementar para melhor entender como a palavra cultura tem sido utilizada e definida teórico e historicamente.

Em outras palavras, definir cultura é como tentar capturar todos os ângulos de um objeto em uma foto, por mais atraente que a foto seja, ela nunca captará o objeto em sua integridade. Para capturar um objeto em fotografia em sua integridade, é necessário tirar a mesma foto de vários ângulos, para assim ter uma visão “completa” do objeto. Assim, também, acontece com o termo cultura, é necessário entendê-lo sob os diversos eixos teóricos para ter uma visão mais ampla e completa de como o termo tem sido usado nas áreas do conhecimento e pelas pessoas em geral.

A relatividade linguística de Sapir e Whorf: as primeiras discussões sobre a relação entre cultura e língua

A partir do século XIX e do XX, diferentes áreas do conhecimento começaram a utilizar o termo cultura. Mais especificamente, Risager (2006, p. 39) afirma que o conceito estético foi discutido nas áreas da literatura e das artes, enquanto que conceito individual de cultura foi aprofundado pela área da psicologia e da pedagogia, ambas as áreas preocupadas com o indivíduo e seu interior. Já o conceito coletivo de cultura foi mais explorado pelas áreas da antropologia, da história, da etnografia e da linguística, áreas mais dedicadas ao estudo da sociedade em geral. Entretanto, entre todas as áreas mencionadas, a que mais consegue dialogar com o ensino de línguas estrangeiras é a da antropologia pelo seu interesse na relação “língua x cultura”.

Segundo Risager (2006), cultura na área da antropologia começou a ser estudada a partir de uma visão hierárquica e coletiva que acreditava que as culturas do mundo estavam em constante processo de evolução. Como dito anteriormente, nessa concepção antropológica, uma cultura poderia ser considerada mais evoluída que outra, com base nas suas civilizações (visão chamada de evolucionismo clássico). Tal visão, entretanto, foi questionada por Franz Boas que criticou o evolucionismo clássico, apontando o racismo gerado por essa definição de cultura. Devido ao trabalho de

Boas, as culturas deixaram de ser consideradas objetos em evolução e passaram a ser vistas como culturas em transformação e difusão. O conceito de cultura, influenciado pelas críticas de Boas, passa a ser visto com um caráter relativista (relativismo linguístico).

Ainda dentro desse pensamento relativista existiram dois antropólogos importantes nos estudos da relação língua x cultura: Sapir e Whorf que foram relevantes por se interessarem pela relação entre língua, cultura e pensamento. Suas teorias ficaram conhecidas como a hipótese de Sapir-Whorf.

Kramsch (1998, p. 12) explica a hipótese de Sapir-Whorf:

A hipótese de Sapir-Whorf afirma que a estrutura da língua que o indivíduo usa habitualmente influencia na maneira com a qual indivíduo pensa e age [...] Whorf concluiu que a razão pela qual línguas diferentes podem levar pessoas a tomar diferentes ações é porque a língua filtra a percepção dos indivíduos e a maneira com a qual eles categorizam suas experiências.⁴

Kramsch (1998, p. 12) menciona que a hipótese de Sapir-Whorf foi muito criticada por indiretamente questionar a universalidade do discurso científico e por implicar que a “língua determinaria o pensamento e não o oposto” (KRAMSCH, 1998, p. 13)⁵. Apesar de toda crítica, uma versão mais fraca e menos radical da sua teoria ainda é aceita no meio acadêmico. Na versão mais fraca da hipótese de Sapir-Whorf acredita-se que os usuários de uma língua tendem a ver o mundo através da sua língua e das suas experiências culturais.

Dessa maneira, acredita-se, hoje, que o pensamento humano, apesar de não ser moldado e se restringir à língua do indivíduo, só pode ser entendido através da realidade cultural que é expressa através do sistema linguístico do falante.

⁴ Tradução nossa para: “The Sapir- Whorf hypothesis makes the claim that the structue of the language one habitually uses influences the manner in which one thinks and behaves [...] Whorf concluded that the reason why different languages can lead people to different actions is because language filter their perception and the way they categorize experience”.

⁵ Tradução nossa para: “[...] language dertermined thought and not the other way around.”

Como Risager (2006, p. 44) aponta com o conceito de *languaculture* (discutido a seguir), Whorf e Sapir estavam certos em afirmar que “língua é mais que o seu vocabulário”⁶ visto que todas línguas naturais estão permeadas de culturas.

A interculturalidade e a sala de aula de LE

Cultura, fluxos culturais e a competência intercultural

Devido às inovações tecnológicas e, mais particularmente aos meios de comunicação, aprender uma língua estrangeira significa mais do que aprender um sistema de regras e gramática. Estudar uma LE significa interagir e, não raramente, significa interagir com outros que não compartilham de uma mesma cultura 1. Nessas interações, Risager (2006, p. 64) atenta para o fato de que “línguas se disseminam através de culturas” e que “culturas se disseminam através de línguas” formando um “fluxo cultural”. A metáfora do “fluxo cultural”, baseada imagem de um rio, faz com que a sala de aula, assim como os vários momentos fora dela em que o aprendiz faz uso da língua alvo, seja vista como um lugar de fluxo onde a cultura do aprendiz encontra a cultura 2 continuamente.

Em meio ao mundo globalizado onde fluxos culturais acontecem cotidianamente, é parte do senso comum ouvir falar que estudar uma língua estrangeira é estudar uma nova cultura, utilizando a palavra no sentido diferencial nos termos de Bauman (2002) para se referir a culturas dos países que utilizam a língua alvo. Em meio a essa necessidade em tornar as aulas de língua mais interculturais, professores e linguistas perceberam então que a abordagem comunicativa pouco procurava entender todas as complexidades resultantes do encontro das línguas e culturas dos aprendizes e as línguas e culturas estudadas (COBERTT, 2003, p. 2). A área de línguas estrangeiras começou a se preocupar, então, em inserir a competência intercultural no currículo como forma de levar os aprendizes de línguas estrangeiras a se tornarem falantes interculturais.

⁶ Tradução nossa para: “[...] Sapir is naturally right in saying that language is more than its vocabulary”.

Corbett (2003, p. 2) define a competência comunicativa intercultural dizendo o que se espera de um aprendiz que possua essa competência. Para o estudioso (2002, p. 2), “a competência comunicativa intercultural inclui a habilidade de entender a língua e o comportamento da comunidade-alvo e explicá-los aos membros da comunidade do aprendiz e vice-versa”.⁷

O autor ainda chama a atenção para o fato de que na sala de aula de línguas, numa abordagem intercultural, o objetivo das lições deixa de ser “imprimir um falante nativo” no aprendiz de língua e passa a ser criar um falante intercultural, capaz de entender e dialogar com a sua cultura e com a cultura-alvo.

É importante ressaltar que a abordagem intercultural e, em especial Corbett (2003), não reduz as diversas culturas expressas através da língua-alvo em uma cultura única ao afirmar que a abordagem intercultural procura levar o aluno de ESL a uma postura compreensiva em relação a cultura do outro. Como Corbett coloca (2003, p. 86), assim como não existe um inglês geral, mas sim diversos gêneros discursivos e variedades linguísticas que servem diferentes comunidades discursivas, não existe uma cultura inglesa geral, mas sim, diversas culturas se expressam através da língua inglesa.

Dessa forma, Corbett (2003) deixa claro que existem diversas culturas, assim como diversas variedades linguísticas e que ter um posicionamento intercultural não significa entender uma cultura ou saber agir dentro da cultura do outro, mas sim, poder se posicionar enquanto usuário de uma língua de forma aberta a entender outros usuários da mesma língua nas mais diversas situações entre duas culturas diferentes.

A fim de entender mais a abordagem cultural e como lidar com os diferentes encontros interculturais que acontecem na sala de aula, alguns conceitos importantes podem auxiliar o professor de línguas a compreender melhor a sua realidade. Em seguida, esse artigo resalta a importância das abordagens êmicas e éticas para o estudo de diferentes culturas e explica o que é *linguaculture* (língua-cultura).

⁷ Tradução nossa para: “Intercultural communicative competence includes the ability to understand the language and behaviour of the target community, and explain it to members of the ‘home community’- and vice versa”.

As abordagens êmicas e éticas e o ensino intercultural

Como dito anteriormente, ao estudar novas culturas, o professor de línguas estrangeiras tem o papel de tentar levar o seu aluno a despertar a sua competência intercultural. Os termos ético e êmicos do antropologista e linguista Kenneth Pike (1954) tem sido utilizados para estudar culturas e podem ajudar o professor a trabalhar em sala de aula.

Derivados da distinção entre *phonetics* (fonética) e *phonemics* (fonologia), o termo ético se refere a “ideias, comportamentos, itens e conceitos que são *específicos* de uma cultura” e o termo êmico se refere a “ideias, comportamentos, itens e conceitos que são *gerais* das culturas [...] universais” (TRIANDIS 1994, p. 67-68 apud SPENCER-OATEY, 2009, p. 16, grifo meu).

Como Spencer-Oatey explica (2009, p. 33), “uma perspectiva ética implica em comparações entre culturas e uma perspectiva êmica implica numa pesquisa dentro de uma mesma cultura [...]” (2003, p.33).⁸ Juntas, as abordagens êmicas e éticas podem ajudar a entender diferentes culturas e até mesmo aprofundar na compreensão de uma cultura em específico.

No ensino intercultural, Corbett (2009) sugere que os alunos se tornem mini-etnógrafos em sala de aula. Em seu livro “An Intercultural Approach to English Language Teaching”, Corbett (2003) propõe várias atividades que procuram despertar a competência intercultural, e embora não sejam explicitamente relacionadas aos termos de Pike (1954), muitas das atividades propostas são de natureza êmica e ética pois sugerem pesquisas, estudos e entrevistas com membros da mesma cultura dos alunos e com membros de culturas diferentes.

***Languaculture* (linguacultura)**

Talvez, um dos conceitos mais importantes apresentado neste artigo para entender como as línguas se relacionam com as diversas culturas seja o de *languaculture*. As discussões sobre a relação “língua e cultura” sempre estiveram presentes no meio acadêmico desde Sapir

⁸ Tradução nossa para: “[...] an etic perspective which entails comparisons across cultures, and from an emic perspective which entails culture-internal research.”

e Whorf, em especial na Antropologia e na Linguística, e apesar de não mais se acreditar que a língua possa ditar a maneira de pensar e as ideologias de certo grupo social, é amplamente reconhecida a importância da cultura na linguagem humana.

O termo, cunhado por Michael Agar, em seu livro “Language Shock: Understanding the Culture of Conversation” (1994), é utilizado para expressar a ideia de que língua e cultura estão sempre relacionadas. Consoante com Agar (1994, p.28 apud RISAGER, 2006, p.112), “o termo *languaculture*, portanto, enfatiza duas relações ‘*alangua* em *languaculture* é sobre o discurso, não apenas palavras e frases. E o *culture* em *languaculture* é sobre os significados, mas que vão bem além do que o dicionário e a gramática têm a oferecer”⁹.

Risager (2006) explora o conceito de *languaculture* e afirma que está presente em todas as dimensões linguísticas que compõe o que é língua: nas práticas linguísticas, nos recursos linguísticos e nos sistemas linguísticos dos falantes. Para melhor explicar sua visão de *languaculture*, Risager explora o termo em três dimensões importantes: 1. uma semântico-pragmática; 2. uma poética; e 3. uma identitária.

Languaculture, por ser um termo que engloba língua e cultura, possui uma dimensão semântica-pragmática porque é justamente com suas diferentes *languacultures* que as pessoas se comunicam diariamente.

A dimensão semântica-pragmática da *languaculture* se refere ao uso da língua diário, geralmente com uma finalidade pragmática e semântica do falante para se comunicar e fazer sentidos do mundo que o rodeia. De acordo com Risager, é nas práticas linguísticas do dia a dia que as *languacultures* dos falantes se modificam e constroem seus mundos (2006, p. 131):

[...] nas práticas linguísticas, os vários participantes utilizam das suas *languacultures* particulares e uma negociação de sentido acontece — uma negociação que em um certo ponto contribui para a fixação ou a

⁹ Tradução nossa para: “The term ‘*languaculture*’, then, stresses two relations: ‘The *languag* in *languaculture* is about discourse, not just about words and sentences. And the *culture* in *languaculture* is about meanings that include, but go well beyond, what the dictionary and the grammar has to offer”.

terminação de certos sentidos, mas que pode sempre continuar a criar novos sentidos e novos entendimentos para o mundo externo.¹⁰

Já a dimensão poética da *languaculture* é vista quando o falante utiliza a língua de forma artística, como por exemplo, em textos literários, recitais de poemas e músicas. A dimensão poética é a dimensão da *languaculture* que se utiliza dos sentidos compostos pela língua e da forma da língua para produzir artes que, originalmente, só podem ser produzidas no contexto de utilização daquela *languaculture*.

Por sua vez, a dimensão identitária da *languaculture* está relacionada com o fato de que é através da *languaculture* que os indivíduos se posicionam no mundo enquanto sujeitos. É, portanto, através das suas *languacultures* que diferentes indivíduos se comunicam, se expressam e constroem as suas subjetividades.

O conceito de *languaculture* é interessante para professores de língua estrangeiras, pois a sua compreensão permite-lhes obter uma melhor percepção dos encontros interculturais e dos fluxos culturais que acontecem em sua sala de aula e fora dela.

Como proposto por Risager (2006) e Corbett (2009), tendo em mente o conceito de *languaculture* e a sua dimensão identitária, o professor de línguas pode auxiliar os alunos a entender que existem diversos grupos culturais dentro da cultura-alvo que, apesar de compartilhar o mesmo código linguístico, possuem diferentes culturas e identidades, que por sua vez, são expressas através da língua-alvo.

O conceito de *languaculture* também pode ajudar alunos de LE a compreender que a própria sala de aula é um local de diversidade cultural. Muitas vezes, alunos de diferentes religiões, níveis sociais, e regiões da mesma cidade compartilham o mesmo espaço, possuem a mesma “língua”, mas diferentes *languacultures*. Abordar diferentes *languacultures*, de uma maneira ética ou êmica, ajuda os aprendizes de línguas a praticar as suas competências interculturais além de provocar reflexões sobre diversos assuntos, como por exemplo, as relações de

¹⁰ Tradução nossa para: “ In linguistic practice, the various participants make use of their personal languacultures, and a negotiation of meaning takes place- a negotiation that at a certain point contributes to fixing or ‘closing’ certain meanings, but which can always continue and create new meanings and understanding of the outside world”.

poder entre as diferentes variedades linguísticas e os diferentes grupos sociais que existem dentro de uma mesma sociedade.

Outras atividades interessantes com o objetivo de desenvolver a competência intercultural de alunos de línguas estrangeiras são propostas por Corbett em seus livros “An Intercultural Approach to English Language” (2009) e “Intercultural Resource Pack: Latin American Perspectives” (2006).

O ensino intercultural crítico e a linguística aplicada crítica

É senso comum afirmar que educar é uma tarefa árdua visto que o próprio conceito de educação, assim como o conceito de cultura, tem sido interpretado de várias maneiras ao longo dos anos.

Ensinar línguas, tanto maternas como estrangeiras ou adicionais, em particular, é uma atividade que, além de importante, pode ser perigosa, pois, através da linguagem, discursos são construídos e desconstruídos, assim como as ideologias que perpassam os discursos e adentram a sociedade.

Trabalhar com culturas em sala de aula também não é menos perigoso, pois língua e cultura estão sempre juntas dentro de uma *languaculture*. Dito isto, uma das críticas mais recentes ao ensino intercultural tem vindo por parte da linguística aplicada, a qual acredita que educar significa politizar alunos para que eles possam pensar sobre a sociedade e o meio social de uma forma crítica, questionando sempre a sua realidade (PENNYCOOK, 2001). Um dos autores mais importantes para a linguística aplicada crítica, Pennycook (2001, p. 10), discute

[...] uma maneira diferente de fazer linguística aplicada que procura conectá-la com questões de gênero, classe, sexualidade, raça, etnias, cultura, identidade, políticas, ideologia e discurso. E crucialmente, ela se torna uma abertura dinâmica de novas questões que emergem dessa conjunção.¹¹

¹¹ Tradução nossa para: “It demands a restive problematization of the givens of applied linguistics and presents a way of doing applied linguistics that seeks to connect it to questions of gender, class, sexuality, race, ethnicity, culture, identity, politics, ideology, and discourse”.

Dessa forma, o que Pennycook (2001) propõe em termos de educação é uma aula libertária em que tudo possa ser questionado, debatido e problematizado, inclusive tópicos considerados “tabus”.

Kubota (2010, p. 37) ao discutir as abordagens de ensino interculturais geralmente empregadas no ensino de línguas estrangeiras, aponta para o fato de que muitas abordagens que procuram promover um encontro intercultural acabam por reforçar o *status quo* e as opressões existentes na sociedade. Este grupo de abordagens interculturais é classificado pela autora como Multiculturalismo Liberal e são criticadas por promover mais um desserviço para as comunidades oprimidas do que um real encontro intercultural, no qual questões de poder são (re)avaliadas e problematizadas.

De acordo com Kubota (2010, p.27), a diferença entre uma abordagem multicultural liberal e uma abordagem intercultural crítica é que:

Enquanto que o multiculturalismo liberal se foca nas coisas em comum universais entre os povos e a igualdade natural entre as pessoas, o multiculturalismo questiona esses pressupostos. Ele reconhece que a desigualdade social e econômica existe e criticamente examina como a desigualdade e a injustiça são produzidas e perpetuadas em relação a poder e privilégio¹²

Portanto, Kubota (2010) advoga por um multiculturalismo crítico (entende-se por multiculturalismo o mesmo que foi utilizado neste trabalho como ensino intercultural) em que as práticas docentes e discentes procuram “transformações sociais através de justiça social e igualdade entre todos ao invés de simplesmente celebrar diferenças e

¹² Tradução nossa para: “While Liberal Multiculturalism focuses on universal commonalities and natural equality among people, critical multiculturalism calls this assumption into question. It recognizes that social and economic inequality does exist and it critically examines how inequality and injustice are produced and perpetuated in relations of power and privilege”.

assumir a priori que todas pessoas são iguais” (KUBOTA, 2000, p. 30).¹³

Em consequência dessas críticas, este artigo acredita que o ensino intercultural, necessariamente aborda questões de gênero, raça, classe, ideologias e políticas, visto que não existe neutralidade de discurso no ensino.

Considerações finais

O presente artigo trouxe um levantamento bibliográfico de alguns conceitos relacionados à cultura com o propósito de auxiliar a atividade docente de professores envolvidos com o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras. O principal objetivo deste artigo foi demonstrar as diferentes perspectivas que existem sobre o termo “cultura”, assim como introduzir alguns conceitos teóricos importantes para a sala de aula de línguas estrangeira, cujo foco seja desenvolver a competência intercultural dos aprendizes.

Primeiramente, esse trabalho mostrou a relação entre língua e cultura, entendendo língua como interação social. Em seguida, o conceito de cultura foi discutido de acordo com Kramsch (1998), Bauman (2002) e Risager (2006), que fizeram um apanhado histórico e teórico de como o termo tem sido utilizado no ocidente.

Este artigo também problematizou os conceitos hierárquicos de cultura, apresentou brevemente a hipótese de Sapir-Whorf e introduziu o conceito de Agar (1994) de *languaculture* e os tipos de estudos culturais éticos e êmicos. Finalmente, mencionou o trabalho de Cobertt que tem produzido materiais didáticos e atividades interculturais para alunos de línguas estrangeiras. Também, apresentamos as críticas ao ensino multicultural liberal por alguns teóricos da linguística aplicada crítica, como Pennycook (2001) e Kubota (2006).

Em síntese, aprender uma língua vai além de memorizar regras gramaticais e palavras soltas como acreditam muitos cursos de línguas estrangeiras e professores. Aprender uma língua acontece durante interações entre indivíduos e são nessas interações que diferentes

¹³ Tradução nossa para: “social transformation by seeking social justice and equality among all people rather than merely celebrating differences or just assuming a priori that all people are equal”.

culturas se manifestam, entram em conflito, e se (re)significam dialogando entre si.

O diálogo entre culturas e o fluxo cultural que ocorre em sala de aula, e fora dela, mostra a importância dos estudos interculturais para o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira e a urgência de se incluir a competência comunicativa intercultural no currículo.

Referências

AGAR, Michael. **Language shock**: understanding the culture of conversation. New York: William Morrow, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Culture as Praxis**. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1973.

BOAS, Franz. **Introduction to the handbook of American Indian languages**. Washington, DC: Georgetown University Press, 1911.

CORBETT, John. **An intercultural approach to English language teaching**. Great Britain: Multilingual Matters Ltd, 2003.

_____. **Intercultural resource pack**: Latin American perspectives. 2006. Disponível em: <<https://www.teachingenglish.org.uk/sites/teacheng/files/icrp-july07.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

FRANKLIN, Peter; SPENCER-OATEY, Helen. **Intercultural Interaction**: a multidisciplinary approach to intercultural communication. Palgrave Macmillan, 2009.

KRAMSCH, Claire. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KUBOTA, Ryuko. Critical multicultural education and second/foreign language teaching. In: NORTON, Bonny; TOOHEY, Kelleen (Ed.). **Critical pedagogies and language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 30-48.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical applied linguistics**: a critical introduction. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2001.

PIKE, Kenneth Lee. **Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior**. Glendale: Summer Institute of linguistics, 1954.

RISAGER, Karen. **Language and culture**: global flows and local complexity. Great Britain: Multilingual Matters Ltd, 2006.

SPENCER-OATEY, Helen et al. **Intercultural Interaction**: a multidisciplinary approach to intercultural communication. London: Palgrave Macmillan, 2009.

STOCKING, George. Franz Boas and the culture concept. **American Anthropologist**, v. 68, p. 867-882, 1966.

TRIANDIS, Harry. **Culture and social behavior**. New York: McGraw-Hill, 1994.

VALDES, Joyce Merrill (Org.). **Culture bound**: bridging the cultural gap in language teaching. New York: Cambridge University Press, 1986.

Recebido em: 26/04/2015

Aceito em: 22/06/2015